

COMEÇOS, MEIOS E UM FIM: IDENTIDADES PERPASSADAS
PELA MEMÓRIA, PELA VIDA E PELA MORTE

COMIENZOS, MEDIOS Y UN FIN: IDENTIDADES CONDICIONADAS
POR LA MEMORIA, POR LA VIDA Y POR LA MUERTE

BEGINNINGS, MIDDLES AND ENDINGS:
IDENTITIES THROUGH MEMORY, LIFE AND DEATH

Silvana Augusta Barbosa Carrijo / Fernanda Pires de Paula

Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (Brasil)

silvana.carrijo@gmail.com / ferpiresdepaula@gmail.com

Resumo: O subsistema literário juvenil oferece aos pesquisadores interessados uma vastíssima possibilidade investigativa que compreende, entre tantas questões, fomentar debates profícuos e enriquecer o campo de produção do conhecimento na área, para que sejam hauridas, na avalanche editorial da indústria cultural, obras de substancial qualidade estética, soerguidas como representativas do gênero. Inserindo-se neste rol de indagações, o presente artigo resulta do desenvolvimento de pesquisa de mestrado, com bolsa da instituição de fomento FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – que visou investigar questões referentes às representações da morte, à construção identitária, à valorização da literatura juvenil bem como a outros fatores que contribuirão para a discussão desses pontos principais. Para constituir o recorte desse trabalho, selecionamos a narrativa juvenil brasileira *Tão longe... Tão perto* (2009), de Silvana de Menezes. O enredo, sob a perspectiva de um garoto de dez anos de idade, traz a delicada história de seu convívio diário com a avó diagnosticada com Alzheimer, e com uma empregada, mãe de um bebê recém-nascido, e como essas situações apontam para um encontro mágico entre uma vida que vai e outra que fica. Permeando a trama há ainda os questionamentos, as angústias e os medos do neto que narra a história. Pretendemos, por via do presente trabalho, examinar em que medida as representações de morte presentes na narrativa influenciam a construção identitária das personagens bem como investigar como a memória e o esquecimento participam dessa construção. Com tal propósito, examinamos a obra literária selecionada partindo das reflexões concernentes aos conceitos de representações de morte, memória e identidade desenvolvidos por Elias (2001), Loureiro (2000), Xavier (2013), Hall (2014) e Silva (2014).

Palavras-chave: literatura juvenil brasileira; identidade; morte.

Resumen: El subsistema literario juvenil ofrece a los investigadores interesados una vastísima posibilidad investigadora que comprende, entre otras cuestiones, fomentar debates provechosos y enriquecer el campo de producción del conocimiento en el área, para que sean superadas, en la avalancha editorial de la industria cultural, obras de sustancial calidad estética, encubradas como representativas del género. Insertándose en este rol de indagaciones, el presente artículo es resultado del desarrollo de una investigación de mestrado, objeto de una beca de la institución de fomento FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – que posibilitó investigar cuestiones relativas a las representaciones de la muerte, a la construcción identitaria, a la valoración de la literatura juvenil así como a otros factores que contribuyen a la discusión de esos puntos principales. Para constituir el recorte de ese trabajo, seleccionamos la narración juvenil brasileña *Tão longe... Tão perto* (2009), de Silvana de Menezes. La trama, bajo la perspectiva de un niño de diez años de edad, traza la delicada historia de su convivencia diaria con su abuela diagnosticada de Alzheimer, y con una asistente, madre de un recién nacido, y como esas situaciones apuntan hacia un encuentro mágico entre una vida que se va y otra que permanece. Suyacen bajo la trama además otras cuestiones, como son las angustias y los miedos del nieto que narra la historia. Pretendemos, a través del presente trabajo, examinar en qué medida las representaciones de la muerte presentes en la narración influyen en la construcción identitaria de los personajes y en cómo investigar si la memoria y el olvido participan de esta construcción. Con tal propósito, examinamos la obra literaria seleccionada partiendo de las reflexiones concernientes a los conceptos de representaciones de muerte, memoria e identidad desarrollados por Elias (2001), Loureiro (2000), Xavier (2013), Hall (2014) y Silva (2014).

Palabras clave: literatura juvenil brasileña; identidad; muerte.

Abstract: The YA literary subsystem offers researchers wide possibilities, from matters such as sparkling fruitful debates to enriching the production of knowledge in the area; in order to showcase, amongst the avalanche of the cultural industry, works with an aesthetic quality, which are representative of their genres. In this line of research, this essay comes from the development of a dissertation, with a scholarship from the development institution FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. This dissertation aims at researching matters such as death, the construction of identity, the valorization of YA literature and other topics that might help the discussion of these. In order to present a preview of this work, we have selected the YA Brazilian book *Tão longe... Tão perto* (2009), by Silvana de Menezes. The plot deals with the situation of a ten-year-old boy, after the delicate story of daily living with his grandfather, who has Alzheimer; and a caregiver who has a newborn; and how these circumstances create a magical encounter between a life that ends and a life that begins. Through the plot, there are other topics, such as the narrator boy's fears. In this essay, we intend to examine the representations of death presented in the narrative, which influence the construction of the characters' identities; as well as to find out how memory and oblivion work through that. With this goal, we will examine the selected book on the basis of the concepts of representations of death, memory and identity developed by Elias (2001), Loureiro (2000), Xavier (2013), Hall (2014) and Silva (2014).

Keywords: Brazilian YA Literature; identity; death.

Carrijo, Silvana Augusta Barbosa e Paula, Fernanda Pires de (2016).

“Começos, meios e um fim:

identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte”.

Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil, 3, “Artigos”, 113-129. ISSN 2386 -7620.

DOI <http://dx.doi.org/10.15304/elos.3.3365>

DATA DE
RECEPCIÓN:
26/05/2016

DATA DE
ACEPTACIÓN:
22/12/2016



A tripartida unidade: literatura, vida e morte

“O ato poético mostra que o fato de sermos mortais não passa de uma das faces de nossa condição. A outra é: sermos vivos. O nascer contém o morrer. O nascer, porém, pára de ser sinônimo de carência e condenação mal deixamos de nos perceber como contrários à morte e à vida. Tal é o sentido último de poetizar”
(Octávio Paz)

Por muito tempo a literatura infantil e juvenil (LIJ) foi vislumbrada com desconfiança e pouco apreço frente à literatura num sentido mais amplo como potência capaz de abarcar grande parte das experiências possíveis à vida humana. Contribuindo para tal pensamento ela, não raras vezes, foi utilizada como ferramenta didático-moralizante adequada a veicular determinados conteúdos oficializados pelo currículo escolar e determinados padrões de comportamento às crianças e aos jovens. O próprio surgimento da categoria diferenciada para um público de leitores mirins foi – e, em algumas instâncias, ainda é – alvo de preconceito em virtude da informação reduzida acerca do gênero. Basta chamar a atenção para a nomenclatura “infantojuvenil”, já superada, mas que num passado bem recente fora amplamente divulgada e ainda hoje pode ser encontrada (na ficha catalográfica da obra analisada no presente texto, por exemplo), para notar a existência da desconsideração, ou ao menos resistência, das/às especificidades de cada categoria, como se ambas fossem a mesma coisa. Atualmente, a crítica de literatura infantil e juvenil, ciente da necessidade de vislumbrar esses dois grupos identitários “crianças” e “jovens” como fatias distintas de sujeito (ainda que não de forma estanque), prefere proceder pela consideração de dois subsistemas literários também diferentes: o infantil e o juvenil.

Considerar os dois subsistemas literários pelo desmembramento dos termos que compõem a generalizante taxionomia “infantojuvenil” é já apontar para algumas distinções dignas de nota. Enquanto na literatura infantil os recursos ilustrativos aparecem em maior escala e a linguagem tende a se aproximar do repertório linguístico utilizado pela criança, na literatura juvenil, conforme a pesquisadora Alice Gomes Xavier (2013: 14), as ilustrações perdem um pouco de espaço e o texto pode ser pontuado por mecanismos linguísticos mais complexos, podendo contemplar ainda gírias e coloquialidades comuns à realidade do jovem leitor. Esta diferenciação é só o ponto inicial de um nicho de pesquisa que oferece uma multiplicidade de caminhos analíticos. É certo que, nos dias atuais, tudo isso está sendo problematizado e discutido, de maneira que as afirmações pejorativas já perderam suas forças e não são mais ‘boas para pensar’ (Silva, 2014: 104). Questões de igual teor às da chamada literatura para adultos são contempladas também por obras compreendidas sob a rubrica



Começos, meios e um fim:
identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte

literatura infantil e juvenil. Faz-se necessário, contudo, ser bastante cauteloso com a apropriação desse subsistema literário enquanto mero transmissor conteudista. Não obstante ela possa compreender uma infinidade de conhecimentos e temáticas, seu maior trunfo – ousamos dizer – é o de que, a partir de uma profunda interação texto-leitor, habilita-se a oferecer uma possibilidade quase infinita de reconstrução dos significados do próprio texto e, por que não dizer, da vida.

O artigo que se apresenta visa a contribuir para o crescimento dos estudos e pesquisas sobre narrativas juvenis que, tais como a aqui analisada, não se furtam de contemplarem temas muitas vezes nebulosos porque rondados pela aura do tabu, mas que, agora, estão sendo pouco a pouco examinados e divulgados. Nossa análise do livro de Silvana de Menezes (2009) primou, essencialmente, pelo exame das representações da morte e da construção identitária de adolescentes. Além disso, o reconhecimento do esforço que, não raras vezes, educadores, pais e professores fazem para que este tema permaneça cada vez mais oculto, foi levado em consideração.

A relação de poder que é exercida pelos adultos sobre as crianças ultrapassa a esfera dos relacionamentos interpessoais e toca em muitas outras questões. Uma delas diz respeito à literatura escrita para crianças e jovens. A infância e a adolescência são fases do desenvolvimento humano que nem sempre existiram nos moldes como as concebemos hoje. A base para a formação ocidental desses conceitos – inicialmente a infância e, um pouco depois, a adolescência – está na Idade Média. Talvez por isso, pelo desafio conceitual oferecido por algo que é novo, ao longo do tempo diversas áreas de estudo caracterizaram-nas como o espaço da falta, da carência, da incompletude, da imperfeição, da necessidade, do vazio que precisa ser preenchido, da incapacidade de compreensão, da falta de autonomia e seriedade, deixando subentendido que o universo adulto e seus agentes é que são capazes de preencher essas lacunas (Leal, 2004). Essas mesmas ideias foram, no decorrer do tempo, associadas às literaturas infantil e juvenil:

Compreende-se, pois, que até bem pouco, em nosso século, a literatura infantil fosse encarada pela crítica como um gênero secundário, e fosse vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta) (Coelho, 2000: 30).

Nos dias atuais, tudo isso está sendo problematizado e discutido, de maneira que as afirmações pejorativas já perderam sua força e não são mais ‘boas para pensar’ (Silva, 2014: 104). Ao contrário daquela ideia, a literatura infantil e a juvenil são, antes de tudo, Literatura;



são arte capaz de representar o mundo, o homem, a vida e a morte. Tanto é verdade que questões de igual teor às da chamada literatura para adultos são pesquisadas e tratadas também a partir da literatura infantil e juvenil.

A gama de temas que são afastados das crianças e adolescentes sob a hipótese de que eles não possuem maturidade suficiente para lidar com o trágico da existência humana é grande. A morte, sem sombra de dúvidas, faz parte da lista desses assuntos que são postos à margem pela sociedade em geral, assuntos esses que não podem ser lecionados, como bem observa Ricardo Azevedo (2006), mas que estão na ordem do dia na vida de qualquer ser humano, criança, adolescente ou não. A compreensão de que a morte acontece com o outro e acontecerá também consigo é um assunto que deve ser disposto às crianças e aos adolescentes. Esses seres, essencialmente considerados enquanto sujeitos em processo de formação humana, precisam conviver com a morte para que, compreendendo-a melhor, sejam capazes de olhar a vida com maior precisão. É a partir dessa representação feita por meio da palavra que o leitor/sujeito pode, de modo oferecido somente por meio do contato com a arte em geral, ampliar, transformar e enriquecer sua experiência de vida (Coelho, 2000: 29-30).

Ao trazer para a ordem do dia a temática da morte, é preciso mencionar os dizeres de Umberto Eco (2003) quando disserta sobre quais seriam, para ele, algumas das funções da literatura. Segundo o intelectual italiano, a literatura faz com que o leitor tenha contato com as verdades “imodificáveis” e constitutivas não só dos textos, mas da própria natureza humana. Olhar para o fazer literário imprime no leitor uma consciência de si no mundo:

(...) contra qualquer desejo de mudar o destino eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo. E assim fazendo, qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e os amamos. Temos necessidade de sua severa lição “repressiva” (Eco, 2003: 21).

Os desfechos, no universo ficcional – felizes, trágicos, surpreendentes, esperados, desoladores... – já estão feitos e não se mudarão. Essa verdade que, para além do que se possa ter desejado, é imutável, ensina também o sujeito sobre a morte e o morrer. Talvez essa seja a “lição repressiva” de que nos fala o autor ao asseverar de forma incisiva que a literatura

(...) pode nos educar para a liberdade e para a criatividade. É bom, mas não é tudo. Os contos “já feitos” nos ensinam também a morrer. Creio que esta educação ao Fado e à morte é uma das funções principais da literatura (Eco, 2003: 21).



Começos, meios e um fim:
identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte


O presente artigo, quando disserta sobre a morte e a literatura juvenil, quer fazer coro com muitos autores como, por exemplo, Umberto Eco, e reafirmar as qualidades catárticas que a literatura pode assumir na transformação do ser humano. Enquanto patrimônio estético da humanidade, ela, como já acenado anteriormente, é um meio que oferece características propiciadoras de um contato real e significativo com todo e qualquer assunto que diga respeito à raça humana, esteja o indivíduo em qualquer etapa de seu desenvolvimento. A literatura retira os acontecimentos de sua condição de experiência amorfa e os eleva à condição de forma organizada, como bem assevera Antonio Candido (2004). Nela se pode contemplar não apenas o ‘dizer sobre’ este ou aquele tema, mas também o ‘como dizer sobre’ ele. É por este viés que a análise seguinte tomou forma.

Tão longe... tão perto, de Silvana de Menezes.

*“As folhas das árvores servem para nos ensinar a cair
sem alardes”*

(Manoel de Barros)

117



A premiada¹ narrativa de Silvana de Menezes², *Tão longe... Tão perto* (2009), constrói-se em torno de três personagens principais. A primeira delas é uma avó de pouco mais de oitenta anos de idade, diagnosticada com a doença de Alzheimer. Durante toda a obra, a avó sofre as transformações que a enfermidade acarreta: perda da memória, da autonomia, surgimento de certo grau de demência. O segundo personagem se chama Rafa e é o neto dessa avó enferma. Rafa é um garoto de dez anos de idade que, por sua família não ter condições financeiras de mantê-lo em uma escola integral, passa, além das férias, boa parte de seu tempo na casa da avó. A terceira personagem é Lili, por quem vovó desenvolve um apego demasiado. A pequena é filha recém-nascida da empregada Zezé, que cuida da idosa. O delicado cenário aponta para uma narrativa surpreendente de encontro

¹ Prêmio Jabuti em 2008 na categoria *Melhor livro juvenil*. Informação disposta na contracapa da edição.

² Silvana de Menezes é natural de Belo Horizonte, graduada em Belas Artes com especialização em Cinema de Animação na UFMG. Além de escritora é artista plástica, roteirista, ilustradora e cenógrafa. A artista tem 18 obras publicadas, destacando-se o livro *Tão longe... Tão perto*, vencedor em 2008 do Prêmio Jabuti, na categoria Melhor Livro Juvenil, e a coleção *Pensarte*, finalista do Jabuti em 2009, na categoria Melhor Livro Didático e Paradidático. Também em 2008, a produtora Madley Criative, de Portugal, adaptou seu livro *Meninas, Bah!* para o curta-metragem *Mulheres, Bah!* (Autores, 2015).

entre uma vida que vai, uma vida que fica e os questionamentos contundentes de um pré-adolescente que narra todo o desenrolar da trama.

Múltiplos são os caminhos analíticos apontados pela leitura desta obra literária. Entretanto, a análise deter-se-á nas questões concernentes às identidades nesse universo ficcional que se (re)constroem, principalmente expressas na dicotomia ‘velho’³ vs. ‘novo’. Além disso levará em consideração como a memória/esquecimento somados às representações da morte contribuem para o desenrolar desses pontos.

As ilustrações da narrativa juvenil *Tão longe... Tão perto* demandam sejam olhadas com minúcia para que sua expressividade estética não escape a um olhar desatento. As primeiras ilustrações da obra de Silvana de Menezes (autora e ilustradora da obra em questão) são bastante significativas:

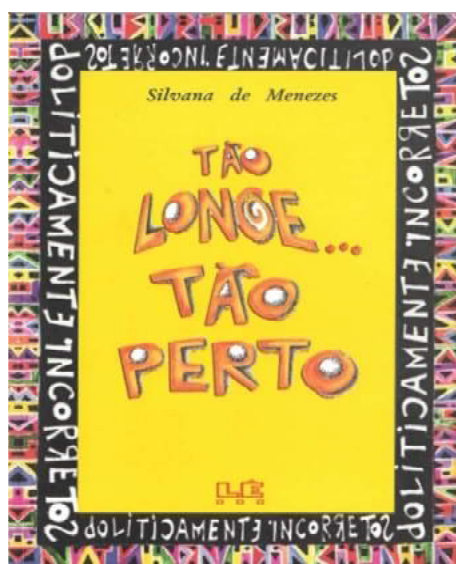


Figura 4. Reprodução da capa de Menezes, 2009.

À primeira vista, esta pode ser somente mais uma capa, porém, a intimidade com o enredo permite ao leitor dedicar-lhe algumas interpretações possíveis. O que primeiro salta aos olhos são as molduras que envolvem o título, partindo de um traço ricamente colorido e chegando à segunda moldura preenchida somente com preto e branco, podendo estabelecer um paralelo entre as lembranças vívidas e aquelas que vão perdendo sua cor e caindo no esquecimento. Ainda na segunda moldura encontramos uma inscrição em branco sobre o fundo preto com os dizeres “Politicamente

³ O termo, já pouco utilizado e frequentemente evitado por possuir alta carga pejorativa, é contemplado com recorrência na obra para se referir à avó e por isso será mantido na redação da análise.

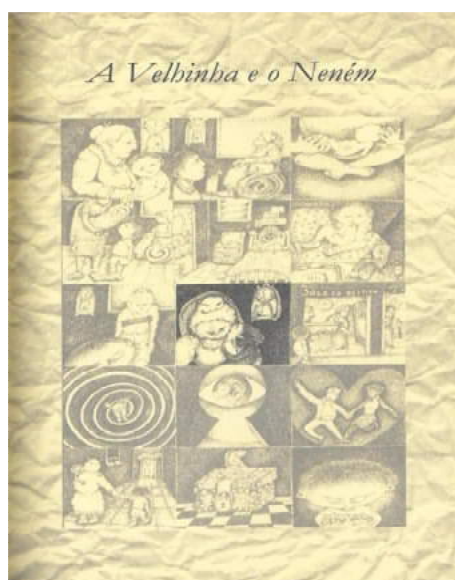
Começos, meios e um fim:
identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte

incorreto”, adjetivos que qualificariam muito bem o desconforto que os temas *tabus* velhice, doença e morte, presentes na obra, emanam. Logo em seguida, encontramos o amarelo, cor que é comumente utilizada para realçar os efeitos da passagem do tempo ao se olhar para um objeto já antigo – livro, roupa, fotografia... –, preenchendo todo o quadro e envolvendo o título por todos os lados (é também a cor que dá o tom das páginas do livro), com a exceção de alguns pontos em branco que poderiam, exatamente, ressaltar um dos sintomas do Alzheimer: lapsos de memória ou “um branco”, como utilizado na linguagem coloquial. Além disso, a letra ‘g’ está disposta como um daqueles sinais de redemoinho que podem evocar a imagem de um labirinto ou certa confusão, outro sintoma da doença e simbologia bastante presente e relevante no decorrer da narrativa.

O décimo capítulo da obra é intitulado “O túnel escuro”. Em diversos pontos da obra, Rafa, vovó e Lili fazem menção a este túnel e às representações por ele evocadas, dizeres que podem, claramente, se relacionar à mesma significação do labirinto. Ambos são caminhos que denotam dúvida, o labirinto pela confusão das estradas prováveis e o túnel pela escuridão que o envolve. Vovó adentrava o túnel escuro primeiro porque estava se esquecendo e não era capaz de se lembrar, segundo porque estava morrendo, “entrando num túnel sem saída”, como disse a mãe de Rafa, encarando a travessia de penumbra que acabaria por desembocar no espaço de um dos maiores mistérios da vida: “E nesse lugar, ninguém conseguia penetrar, era como um segredo de morte” (Menezes, 2009: 61-62). A travessia do túnel também fazia parte do universo de Lili; entretanto, seu percurso se fazia inverso, pois a pequena estava vindo, igualmente sem memória, do lugar ao qual, supostamente, a vovó iria chegar da mesma maneira. Tem-se aqui estabelecido o paralelo vida/morte que será analisado adiante juntamente com outras descobertas.

De maneira correspondente, outro objeto poderia se relacionar aos mencionados acima. Olhando pela fechadura, o menino descobre um objeto que cumprirá uma função importante no desdobrar da narrativa. Pendurado no pescoço da avó havia um colar emblemático no qual se enganchavam pingentes de forma sortida: pé-de-coelho, santas e uma chave. Curiosamente Rafa descobre que aquela chave abria uma pequena caixa vermelha antes descoberta debaixo da cama da senhora. A avó diz a Lili que em uma de suas empreitadas conseguiu voltar do túnel e tomou notas cruciais da jornada: “Lá dentro está tudo escrito. E tem mais... Você não pode nem imaginar o que tem lá dentro. É algo que vai transformar tudo que o homem sabe sobre a vida e a morte” (Menezes, 2008: 83). O labirinto da ilustração, o túnel, a fechadura e a própria caixa, se estabelecem como instrumentos de processo pelo qual o indivíduo chegará a outro estado que modificará sua identidade.

Somados à capa, é possível encontrar dois outros tipos de ilustração. Ao abrir a primeira capa do livro, o leitor se depara com a impressão de uma página amassada que se repetirá na terceira folha e depois emoldurará todas as entradas de capítulos. A parte que será narrada é representada por uma ilustração em tom mais escuro, dando-lhe destaque, como pode ser observado no quadrado central da imagem abaixo:



120

Figura 5. Reprodução disponível em Menezes (2009: 48)



O sentido da ilustração está na descrição que Rafa faz da avó no primeiro parágrafo da obra:

Bebês nascem enrugados, carecas e sem dentes. Como os velhos. Também dependem dos outros para tudo e ambos têm os sentidos pouco apurados. Eu estava com dez anos quando ouvi dizer que minha avó, de oitenta anos, enrugada como papel crepom, de fofos cabelos brancos que mais pareciam algodão-doce, havia recebido a visita do “alemão” (Menezes, 2009: 9).

Partindo daí todas as descrições feitas acerca dessa fase da vida são as piores possíveis. A velhice é representada como um tipo de ‘morte adiantada’; é representada de forma pessimista e decadente. Vale ressaltar que não se trata apenas de decadência física, decorrente do acúmulo dos anos, mas decadência mental e moral advinda da nova condição que a doença lhe trazia:

As informações sobre a velhice eram as piores possíveis: catarata, pressão alta, artrite, artrose, tosse, diabete, ou seja, ao contrário das crianças, que parecem galhos verdes, velhos eram como galhos secos. Quebravam à toa, por nada. E o mais importante: velhos tinham pouco tempo (Menezes, 2009: 14).

Começos, meios e um fim: identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte

É preciso aqui resgatar aquelas questões que se referem à construção identitária do indivíduo, principalmente as características apontadas por Stuart Hall (2014) e Zigmunt Bauman (2005) que remetem à qualidade cambiante, fluida e líquida das identidades. Tais aspectos contrariam um conceito do sujeito enquanto algo pronto e acabado, ou mesmo predefinido, para considerá-lo como um ser em permanente construção. Ao retomar a conceitualização feita por Rafa sobre o que era ser criança (galhos verdes) e sobre o que era ser velho (galhos secos), pode-se observar que as duas etapas da vida por ele mencionadas são pontos fortes de mudança, de (re)construção do sujeito. Conforme Altair Macedo Lahud Loureiro (2000: 23):

[a velhice] É um momento de crise de identidade e, como na adolescência, a auto-imagem parte-se, com a diferença de que o adolescente transiciona para outra fase: a fase da vida adulta, madura, enquanto, para o velho, o que sobra é o declínio, a descida da montanha, cada vez mais vertiginosa, tendo a morte como recepção (...).

Por causa de sua doença, as lembranças da vovó agora estavam fixas somente no passado. Enquanto esquecia, via-se impelida a construir uma nova identidade, que em quase nada era mais benéfica que a de outrora. Uma contundente afirmação é aqui importante e se justifica pela potência resguardada em sua verdade:

É a memória que faz o homem e constrói sua identidade, armazena as representações mentais do passado e delinea o conhecimento; é uma faculdade cognitiva essencial por fundamentar a aprendizagem humana, numa relação entre o tempo e a realidade, a busca de identidade e a evolução do mundo, a consciência histórica e a luta contra o esquecimento (Xavier, 2013: 18).

Esquecer aumenta a potencialidade de morte presente na avó. Além da carga fúnebre apontada pela soma numerosa de seus anos, pode-se perceber uma morte simbólica apontada pelo não lembrar, logo, não ser.

A associação da velhice da avó com o fato de que ela tem “pouco tempo” e, por isso, logo morrerá é algo tão presente no texto que, em alguns momentos, é até desejado que ela parta com certa ligeireza. Várias vezes nos deparamos com o neto pensando coisas como “Não foram poucas as vezes que desejei que ela morresse e fosse logo para seu Paraíso cheio de velhinhos rezando o terço” (Menezes, 2009: 46) ou “Passei a desejar intimamente que minha avó morresse mais rápido” (Menezes, 2009: 84), o que comprova uma construção identitária do personagem, por parte da autora, como algo não maniqueísta: não há aquela ideia de que toda



criança ama incondicionalmente seus avós, ou da pureza quase naturalmente dedicada a tal etapa da vida, entre outras concepções generalizantes sobre a infância e a adolescência. Aqui Rafa – bem como seus pais e a empregada, considerando o fato de que não se pode afirmar que aqueles dizeres são fruto apenas da mente arredia do adolescente ou se são uma reprodução daquilo que ouve dos adultos a seu redor – são apresentados em sua mais convincente humanidade, aquela que lhes permite ser, inclusive, maus, mesquinhos, egoístas. O que torna tal observação ainda mais possível é um dos dados metaliterários que remetem o leitor à narrativa de Robert Louis Stevenson, *O médico e o monstro: Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (Menezes, 2009: 52), que, em rasa consideração, lança o leitor ao reconhecimento de que dentro de um mesmo ser podem, com alta porcentagem, conviver o bem e o mal.

As múltiplas opiniões e pensamentos esboçados por Rafa é que fazem dele uma personagem tão instigante. No cenário esboçado, pode-se até mesmo dizer que o adolescente apresenta uma visão demasiadamente amarga e realista da vida. Rafa, em seus fluxos de consciência, cita Dom Quixote, Van Gogh, Drummond, Guimarães Rosa entre tantos outros nomes de peso no cenário cultural. Narrando o trágico episódio em que fora deixado sozinho cuidando da avó que, de repente, deixa de reconhecê-lo, o próprio adolescente reconhece que possui uma maturidade diferenciada: “Eu tinha a cabeça a mil. Era um garoto com milhões de conflitos e um homem com alma de menino, portanto, mais valente que um Dom Quixote de la Mancha” (Menezes, 2009: 15). Pouco mais adiante na narrativa, quando a situação da avó se agrava ainda mais e os problemas começam a surgir, o jovem elabora uma reflexão séria e profunda que nem mesmo os adultos ousaram fazer:

Dizem que não foi Van Gogh que cortou sua própria orelha. Não suportando mais o pintor holandês, ela se autodeceitou. Ouvidos... Tem os que se fazem de surdos e os que só ouvem o que querem ouvir. A pergunta que ninguém queria responder era: até quando iam aguentar tomar conta da minha avó? (Menezes, 2009: 19).

É com habilidade invejável que a autora, por meio da personagem de Rafa, lança mão dos resgates intertextuais e os apresenta certeira nas ocasiões mencionadas. Além disso, Rafa é um rapazinho extremamente questionador, que pensa sobre questões complexas como, por exemplo, o racismo ou a paternidade não assumida. Avalia a si mesmo em suas atitudes, bem como as atitudes das pessoas mais próximas etc. Há uma reflexão belíssima sobre a partida de Zezé com seu novo amado, Chico Barrigudo, que exemplifica bem essas situações:



Começos, meios e um fim: identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte

Tudo bem, tudo mal. Eram adultos, eles que se entendessem. Se a escolha de Zezé significava a felicidade dela, por que haveria de ser cruel consigo mesma e continuar naquela vidinha ao lado de minha avó? Se vovó era só uma casquinha, por que a felicidade dela estava acima da felicidade de Zezé? (...)

Entendi então onde estava a crueldade. Era simples: se Zezé fosse boa consigo mesma, seria cruel com vovó. E tinha dado a palavra. Palavra concreta. Palavras, às vezes, são mais importantes que papéis. Ficam gravadas dentro da cabeça da gente, não é só no olhar (Menezes, 2009: 75).

Rafa estava na fronteira entre não ser mais criança e não ser ainda adulto. Ele era, de fato, aquilo que Marina Colasanti (2004: 86), em seu texto denominado “Uma idade à flor da pele”, chama de “criaturas de duas cabeças”, isto é, o mesmo indivíduo capaz de reflexões tão complexas sobre o ser, a vida e a morte, é aquele que é facilmente subornado pela mãe com um pedaço de pizza e que sente ciúmes da recém-nascida Lili com sua avó.

Outra reflexão de Rafa urge ser mencionada. Inseridos numa sociedade capitalista em que muitas questões, inclusive os relacionamentos mais próximos, são orientadas pela lógica do dinheiro e da reificação/objetificação do ser humano, o menino, com seu olhar diferenciado e até mesmo poético – ainda que construído na interação com adultos que com certeza influenciaram seu modo de ver o mundo – faz uma grande descoberta. Ele era um adolescente e não por isso deixava de perceber que boa parte dos problemas dos pais estava relacionada ao dinheiro. O menino chega a mencionar: “Eles brigavam cada vez mais, entregaram-se de corpo e alma ao trabalho, querendo cada um ser melhor que o outro, e continuavam esquecidos de mim” (Menezes, 2008: 93) e em outro momento: “Eles viviam uma péssima fase do casamento e pensavam na separação. A grana estava curta (...)” (Menezes, 2008: 63). Sendo obrigado a passar as tardes e as férias na casa da avó porque os pais não podiam lhe pagar uma escola integral, Rafa acabou por conviver com a nova e um pouco intrigante família que se formava a partir de Zezé, Lili e Chico Barrigudo. Gastando as tardes na companhia dessas pessoas, envolvido nas miudezas do afeto e do cuidado desinteressado, longe dos números das cédulas monetárias, o adolescente se descobre, não mais infeliz, mas alegre e grato:



Pudesse escolher, escolhia aquela família pra mim. Eram pobres, mas tanto melhor. Se eles não tinham dinheiro, não iam brigar por causa dele. E Zezé, que já era sorridente, passou a sorrir mais, achava graça em tudo que o Chico Barrigudo fazia. Preparava-lhe um prato com o cuidado de ter tudo que ele gostasse de comer, alisava-lhe o cabelo seboso, e enquanto ele comia, ela sentava-se à mesa escorando o rosto com a mão pra ficar ouvindo o Chico desfiar seus causos de boca cheia (...). Parece estranho, mas foi na cozinha, com Chico Barrigudo, Zezé e Lili, que aprendi o que é uma família feliz (Menezes, 2008: 93-94).

Como a morte da avó não se antecipa como querem Rafa, seus pais e a empregada Zezé – os adultos expressando-se de modo mais contido – e os cuidados que ela necessita se apresentam cada vez mais exigentes, acontece o que é descrito por Norbert Elias em *A solidão dos moribundos* (2001): a morte precisa ser esterilizada, afastada dos que continuam a viver sem a presença de algum indício de morte adiantada. É ‘politicamente correto’ que não se sofra com tal realidade e que a morte com todo o inconveniente que traz sejam transportados para um lugar conveniente, afastado do olhar constante. Em dado momento da obra, a jovem personagem verbaliza literariamente o que a teoria de Norbert Elias (2001) apresenta: “Eu sentia aflição de vê-la daquele jeito que era jeito nenhum. Sua presença me incomodava” (Menezes, 2008: 93). Por isso mesmo, os adultos responsáveis pela avó – não mais dona de si, agora “moribunda”, já que estava fora das atividades sociais, principalmente de trabalho e lucro – tomam uma decisão que vem narrada de forma ácida na voz de Rafa, deixando transparecer aquilo que o cuidado disfarçado quer realmente dizer:

Como não encontraram ninguém à altura de Zezé para cuidar de vovó, ficou decidido que ela iria para um asilo. Um lugar bom, onde seria bem tratada. Mudaríamos para o apartamento dela e, livres de aluguel, meus pais poderiam até pagar uma escola integral. Não teriam mais gastos com vovó e sua aposentadoria cobria as despesas com o asilo. Poderia viver até os cem anos lá. Sabia como era. No princípio, vovó iria receber visitas semanalmente. Aos poucos as visitas ficariam mais raras, até um dia deixarem de existir.

A bem verdade, era como se vovó estivesse morta. Meu pai já havia até herdado sua herança (Menezes, 2009: 94).


É importante observar que o não maniqueísmo apresentado na construção identitária de Rafa pode ser observado também em outras personagens. As mesmas pessoas que julgaram, negativamente, como um ato de “extrema crueldade” a escolha de Zezé por algo que poderia dar um prosseguimento feliz para sua vida, são também as que, comodamente, decidem enviar a avó para um asilo. Diante dos dois lados que compõem a moeda do sujeito, mais uma vez, a velha senhora tem a carga de morte adensada: antes pela velhice e pela doença, agora, também pelo abandono e afastamento.



Começos, meios e um fim: identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte

Um aspecto importante nessa situação é observar como a maestria da autora com o trato da linguagem enriquece o universo ficcional. Quando Rafa indica o asilo como “Um lugar bom, onde seria bem tratada” é possível perceber o misto de eufemismo e ironia na descrição. O episódio é reforçado quando o leitor se depara com a hipérbole afirmando que a avó “Poderia viver até os cem anos lá”, ou seja, desde que os adultos envolvidos na trama não precisassem mais dispor de qualquer esforço e pudessem terceirizar o cuidado requerido pela situação delicada da velha senhora, não importava quanto tempo mais ela iria viver. Para concluir o raciocínio, o pequeno Rafa observa como o filho único, seu pai, é capaz de matar a própria mãe, apossando-se daquilo que ainda não lhe pertence. A vovó, porque já não consegue mais gerir não só os bens que lhe pertencem, mas a própria vida, deixa simplesmente de ser. Morre em vida, afinal.

Zeze, como já depreendido, deu a luz à personagem Lili, o bebezinho que chegou de surpresa em sua vida, na de vovó e na de Rafa, e exerce papel fundamental no desenrolar da narrativa e na (trans)formação dos sujeitos envolvidos na trama, trama esta toda costurada com a linha da morte, mas que antes do arremate final recebe pontilhados de vida. Lili é o oposto da avó. É a vida que chega, enquanto a outra é a vida que vai. Até mesmo a vovó que já não se lembra de muita coisa consegue perceber que sua vida está no fim do novelo enquanto a de Lili acaba de puxar a ponta do fio. A senhora reluta para não ter que fitar a cruel realidade, mas acaba cedendo aos encantos da pequena:



E de repente, como quem tem consciência que perdeu aquela guerra e alia-se ao inimigo, vovó pegou a menininha no colo e ficou horas a fio indo e vindo numa cadeira de balanço, olhando pra ela. A partir daquele dia, aquela criança passou a ser a razão de seu viver. Enquanto sua consciência ia indo embora, mais ela se aproximava daquele ser para quem a consciência ainda estava vindo (Menezes, 2009: 26).

A partir desse momento, as coisas ficam um pouco mais simples para a avó. Ver Lili nascer e ir aprendendo coisas que, dificilmente, demandam ser aprendidas duas vezes na vida e que caracterizam o princípio da jornada vivente, como mexer os braços, ficar de pé, sorrir... era como enganar a morte. Permanecer agarrada a este pedaço de vida cheio de inaugurações e chegadas, ao invés de partidas anunciadas, parecia ser capaz de salvar a avó.

A situação demarcada entre a avó e Lili caracteriza um verdadeiro ponto de encontro. Para muito além da eleição temática, a obra de Silvana de Menezes aponta para a maestria do trabalho literário e a riqueza contida nessa arte. No decorrer da narrativa o manejo literário

apresenta um precioso jogo antitético que abre as portas para a reflexão de diversos temas que, corriqueiramente, são abrigados pelo rigor prático dos manuais de Psicologia, Antropologia entre outras ciências e que tantas vezes se mostram obscuros e inacessíveis aos leitores menos especialistas. Ao se utilizar de pares como estava indo/estava vindo, passado/presente, tempo que resta/tempo que passou, criança/velho, chegada/partida, início/fim, lembrar/esquecer, bem/mal, vida/morte e assim por diante, a autora possibilita o aumento da dimensão da própria perspectiva sobre o que seria estar no mundo, como explica Rafa ao falar de sua experiência pessoal com a leitura (Menezes, 2007: 91). Além do mais, oferece ao leitor a possibilidade de refletir sobre a passagem do tempo, a morte, a doença...

A partir deste cenário que o leitor pode contemplar, Lili aprendia, a avó esquecia e Rafa observava a peculiaridade da situação filosofando:

Se nascer e morrer eram a mesma coisa, onde ficavam o começo e o fim? Se o fim e o começo eram tão perto um do outro, não havia nada entre eles? E se o tempo estiver brincando com a gente e tudo não passar de uma passagem por um túnel escuro? Eu não estava entendendo mais nada. Por que as coisas tinham que ser tão complicadas? (Menezes, 2009: 61).

126

Mesmo Rafa, que demonstra ser tão precoce, não detém respostas prontas para as grandes questões que constituem o bordado misterioso da vida. O que se pode mirar, afinal, é um belo encontro de indivíduos em etapas diferentes de (trans)formação da própria identidade fluindo como água. Três sujeitos observando a vida e a morte como se fossem os dois lados de uma moeda que detém um único valor, relembando juntos que a morte, que parece tão longe da vida, pode estar mais perto do que se imagina. Aliás, o próprio título da obra, *Tão longe... tão perto*, por si só metafórico, sugestivo e extremamente poético, oferece ao leitor uma gama de reflexões nesse sentido: o nascimento que se coloca, teoricamente, tão longe da morte mas que, sem nenhuma garantia, pode se ver, de uma hora para outra, tão perto do fim; por um lado Lili e Rafa vivendo tão perto da avó, mas tão longe dela numa perspectiva cronológica porém, por outro lado, tão perto diante da contemplação da vida (exceto no caso de Lili) que os irmana; os pais de Rafa que estão, por um lado, tão ligados a ele e à vovó pelo vínculo sanguíneo e, por outro, tão distantes na perspectiva afetiva, enquanto Zezé e o namorado são de fato mais próximos dele; entre tantas reflexões outras que cabe ao leitor descobrir.

Na história, a vovó, bem como qualquer outra personagem, não morre. Entretanto, a narrativa aponta para uma rica conscientização da morte. O trato literário esboçando reflexões profundas acerca da morte e do morrer, faz com que a personagem de Rafa, no ambiente da casa



Começos, meios e um fim:
identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte

da vovó, amadureça. Ancorado numa interação entre livro e leitor, está aberta a possibilidade de que, pelo olhar adolescente da personagem de Rafa, o leitor, possivelmente adolescente, experimente o mesmo processo de amadurecimento.

Narrativas como esta de Silvana de Menezes demonstram como temas vitais para a constituição do ser humano, tais como velhice, identidade, morte, memória ou esquecimento não constituem prerrogativa de obras potencialmente voltadas somente para o público adulto. Narrativas juvenis como a de Menezes contemplam tais questões na perspectiva do leitor juvenil, para quem elas não são facilitadas com formulações falaciosas de discursos que operam pela simplificação das problemáticas contempladas (Paula e Carrijo, 2015: 317).

Com base nas reflexões propostas, pode-se dizer que a envolvente narrativa apresentada é capaz de exercer uma função humanizadora no processo de construção identitária, do adolescente especialmente, considerando-se que o contato profícuo com o texto literário permite ao jovem leitor o exame dos sentimentos, pensamentos, desejos, medos e sonhos dos personagens, mas que, provavelmente, são também os seus. Tudo isso é possível porque o texto literário enquanto seara da palavra escrita, enquanto estrutura que organiza e redimensiona a experiência amorfa do real, é dotado daquela capacidade de (trans)formação do sujeito leitor, de modo que sua experiência de vida seja enriquecida pelo contato com as potencialidades literárias.

Para finalizar nossas reflexões e arrematar a costura de significados do texto, uma última contribuição, na qual se encontra a síntese do que tentamos dizer até agora, se faz necessária: Nem é da morte que falo quando escrevo a palavra 'morte': falo da vida, que um dia será declarada irreversível e irrevogável, com tudo o que fizemos e deixamos de fazer até a hora daquela enigmática visita (Luft, 2004: 122-123).

Uma obra de literatura juvenil que tematize a morte está, ao fim e ao cabo, contemplando a vida, argumentando acerca do tempo que nos é dado, de nossas escolhas, oportunidades, do modo como decidimos passar o tempo que podemos, de fato, viver. Obras literárias juvenis de qualidade, ao tematizarem a morte, oportunizam ao jovem leitor mensurar a vida, pelo contraste que, com a finitude humana, ela estabelece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTORES. 2015. *Biografia de Silvana de Menezes*. São Paulo: Editora Elementar. Disponível em <http://www.editoraelementar.com.br/autores/25/Silvana-Menezes>. Acesso em 08 dez. 2015. Verbetes de autores.
- AZEVEDO, Ricardo. 2006. *Sobre livros didáticos e livros de ficção e poesia*. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Sobre-livros-didaticos-e-de-ficcao.pdf>. Acesso em 19 fev. 2010.
- BAUMAN, Z. 2005. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CÂNDIDO, Antonio. 2004. “O direito à literatura”. In CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul.
- COELHO, Nelly Novaes. 2000. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1 ed. São Paulo: Moderna.
- COLASANTI, Marina. 2004. “Uma idade à flor da pele”. In COLASANTI, Marina. *Fragatas para terras distantes* (pp. 79-100). Rio de Janeiro: Record.
- ECO, Umberto. 2003. *Sobre a literatura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record.
- ELIAS, Norbert. 2001. *A solidão dos moribundos: seguido de “Envelhecer e morrer”*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HALL, Stuart. 2014. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: Lamparina.
- LEAL, Bernandina. 2004. “Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros”. In KOHAN, Walter (Org.). *Lugares da Infância: filosofia* (pp. 18-30). Rio de Janeiro: DP&A.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. 2000. *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- LUFT, Gabriela Fernanda Cé. 2010. *Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a Literatura Juvenil Brasileira no Início do Século XXI*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22987/000739554.pdf>. Acesso em 20 mar. 2015.
- MENEZES, Silvana de. 2009. *Tão longe... tão perto*. Belo Horizonte: Editora Lê.
- PAULA, Fernanda Pires de; CARRIJO, Silvana A. Barbosa. 2015. “O filho e o pai, o eu e o outro: textos que mutuamente se leem, memórias e identidades que de parilha se traçam”. *Caderno Seminal Digital*. Rio de Janeiro, ano 21, n. 23, v.1, jan./jun. 2015, pp. 296-319. Disponível em



Começos, meios e um fim:
identidades perpassadas pela memória, pela vida e pela morte

<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/14335/12988>. Acesso em 13 out. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). 2014. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes. 14 ed.

XAVIER, Alice Gomes. 2013. *O labirinto da memória: memória e esquecimento em obras da literatura juvenil brasileira*. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

